

VIOLÊNCIA NO CONTEXTO ESCOLAR: SIGNIFICADOS PARA PROFESSORES DO ENSINO PÚBLICO¹

Sheila Mara Pedrosa*
Daniela Tavares Gontijo**
Márcia Maria de Souza***
Marta Angélica Iossi Silva****
Marcelo Medeiros*****

RESUMO

Estudo descritivo-exploratório de abordagem qualitativa, desenvolvido em escola pública de Goiânia-GO. O objetivo foi compreender os significados do fenômeno da violência, na perspectiva de professores de uma instituição pública de ensino. Os dados foram coletados, em grupos focais e observação participante, e analisados pelo método de interpretação de sentidos. Emergiram as categorias "O professor e a violência em seu contexto de trabalho" que diz respeito ao entendimento e estratégias utilizadas frente à violência no contexto de trabalho e "A influência da família na violência no contexto escolar", apresentando como os professores compreendem a influência da família no comportamento dos alunos. A pesquisa permitiu compreender a importância do trabalho intersetorial entre as áreas da saúde e educação, com apoio de instituições de ensino superior, para resguardar a função dos professores em sua essência. Percebemos, também, a necessidade de mais estudos sobre a influência das relações dos estudantes com suas famílias.

Palavras-chave: Violência. Saúde escolar. Docentes.

INTRODUÇÃO

O estudo da violência demanda prudência, uma vez que consiste em um tema abrangente e multifatorial. Embora o número de produções científicas sobre o tema desperte o interesse crescente dos pesquisadores, o mesmo ainda é incipiente, considerando o impacto social e econômico gerado pelas situações de violência⁽¹⁾.

A questão da violência é indissociável do contexto social envolvido, pois ambos se influenciam no decorrer da história. A violência é expressa sob diversas formas, e seus significados variam de acordo com o momento histórico e cultural, o que lhe confere um caráter mutável e dependente de outras variáveis, como organização política e econômica, inclusão social, distribuição de renda e trabalho e fortalecimento das famílias⁽¹⁾.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência é classificada em

autoinfligida, interpessoal e coletiva e envolve aspectos físicos, psicológicos, sexuais e de privação ou negligência⁽²⁾. Essa classificação é utilizada para notificação da violência no Brasil que, em 2011, registrou 107.530 casos de violência⁽³⁾.

As crianças e adolescentes, por estarem em processo de formação e possuírem mecanismos imaturos de reflexão e defesa, tendem a sofrer mais com as consequências dos atos violentos e a serem mais vulneráveis a situações que os provocam⁽⁴⁾. Outras vezes, são vítimas dos próprios pais, em seus lares, por meio da violência doméstica, mediante a qual ocorre um pacto de silêncio e contando, muitas vezes, com o despreparo dos profissionais de saúde que porventura atendem aos casos⁽⁵⁾.

Dentre as notificações de violência cometidas contra crianças menores de 10 anos de idade, realizadas no Brasil em 2011, a negligência foi o tipo de violência mais comum (43,1%), seguido da violência física (33,3%). Sendo que o

¹Artigo oriundo da dissertação de mestrado intitulada: A violência no contexto escolar: concepções e significados a partir da ótica de professores de uma instituição de ensino público, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Goiás, em 2011.

*Enfermeira. Doutora em ciências da saúde, Núcleo de Estudos Qualitativos em Saúde e Enfermagem (NEQUASE/FEN/UFG). Goiânia, Goiás, Brasil. E-mail: sheilaenf@gmail.com

**Terapeuta ocupacional. Doutora em ciências da saúde, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, PE, Brasil. E-mail: danielatgontijo@gmail.com

***Enfermeira. Doutora em ciências da saúde, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, GO, Brasil. E-mail: marcia.fen@gmail.com

****Enfermeira. Doutora em saúde pública, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, SP, Brasil. E-mail: maiossi@eerp.usp.br

*****Enfermeiro. Doutor em Enfermagem, Universidade Federal de Goiás. Goiânia, GO, Brasil. E-mail: marcelo@ufg.br

agressor mais provável foi um familiar, e a mãe foi responsabilizada em mais de 36% dos casos notificados⁽⁴⁾.

A violência presenciada ou vivenciada no lar, muitas vezes, é perpetuada nos demais ambientes em que a criança está inserida. A escola é o local no qual a criança passa grande parte de seu tempo, sendo o lugar onde são visíveis comportamentos violentos. Com a vivência de violência, é possível que o estudante tenha seu rendimento escolar prejudicado, o que interfere no progresso de suas atividades escolares. Sem a devida percepção do ciclo de violência que se forma entre família, escola e sociedade, há o risco de analisarmos o comportamento dos estudantes de forma isolada e condenatória⁽⁶⁾.

Os educadores, por sua vez, além de lidarem com tais questões, sofrem com desvalorização salarial e más condições de trabalho. Essa categoria profissional é vista como vocação, prejudicando a percepção da sociedade de que o professor precisa sobreviver e necessita de condições de trabalho dignas. Esses fatores levam ao sofrimento psíquico e emocional, influenciando diretamente na saúde e, por consequência, em seu desempenho laboral⁽⁷⁾.

Nesse contexto, a busca de parcerias intersetoriais é de extrema importância no manejo da violência, considerando-se, sobretudo, as áreas da saúde e da educação. A atenção básica, por meio de seus profissionais, agrega ideias, estratégias e esforços para melhor lidarem com a violência em contexto escolar. Nesse sentido, este estudo justifica-se à medida que os resultados apontam para possibilidades de intervenções condizentes e que possam contribuir de alguma maneira para minimizar a existência de atos violentos nas escolas.

Segundo a premissa de que prevenir e reduzir a violência no ambiente escolar é promover a saúde de todos os sujeitos do contexto escolar, e de que é necessária a busca de parceiros, partimos do princípio de que o ideal é iniciar com o que eles sabem e com o que podem fazer, de acordo com recomendação do Ministério da Saúde⁽⁸⁾. Não é pertinente formular propostas para redução da violência no ambiente escolar sem antes conhecermos o que os sujeitos pensam sobre o tema e como lidam com esse problema, em seu cotidiano de trabalho.

O professor como um agente de mudança e referência, não só de conteúdos escolares, mas de comportamento para os estudantes, é um sujeito de extrema importância na condução de mudança, no panorama atual de violência na escola. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi compreender os significados do fenômeno da violência na perspectiva de professores, em uma instituição pública de ensino.

METODOLOGIA

Estudo descritivo e exploratório, de abordagem qualitativa, baseado na pesquisa social. Os estudos qualitativos trabalham com realidades particulares que não devem ser quantificadas, uma vez que são significações, crenças e valores que fazem parte da realidade social, considerando que o ser humano interpreta suas ações a partir de seu contexto⁽⁹⁾.

Seguimos os pressupostos da Pesquisa Social Estratégica que tem a finalidade de “lançar luz sobre determinados aspectos da realidade”, sem priorizar soluções práticas sobre a questão para a qual busca resposta⁽¹⁰⁾.

A pesquisa foi realizada em escola pública de ensino fundamental e médio, da rede estadual de ensino de Goiânia, Goiás. Os dados foram coletados no período de janeiro a maio de 2010, por meio da observação do ambiente escolar pela pesquisadora, quando houve maior contato com o campo de estudo. Essas observações foram registradas em um diário de campo e ofereceram importante suporte na descrição e interpretação dos dados. Também foram realizados dois grupos focais para o debate e diálogo entre os participantes⁽¹¹⁾, sendo o primeiro com cinco e o segundo com seis participantes, totalizando 11 professores, executados na própria instituição de ensino, após os professores aceitarem o convite da pesquisadora. Foram realizados em uma sala de aula cedida pela direção da escola, nos dias de planejamento escolar dos professores. Os professores dos três turnos foram convidados a fazer parte da pesquisa, porém, somente alguns dos turnos matutino e noturno puderam participar. Também foi aplicado um questionário sociodemográfico para a caracterização dos participantes. A participação na coleta de dados foi precedida da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e foram

seguidas as recomendações da então Resolução 196/96, hoje substituída pela Resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, sob o protocolo de nº 167/09.

Para nortear a discussão dos professores nos grupos, era feita a pergunta “O que vocês compreendem por violência na escola?”. Tal discussão foi gravada e transcrita na íntegra para posterior análise a qual foi feita por meio do método de interpretação de sentidos que segue as etapas de: **leitura compreensiva** do material selecionado para que pudéssemos nos impregnar do conteúdo coletado, ter uma visão mais ampla do conjunto de falas e, ao mesmo tempo, apreender particularidades nesse conjunto. Na segunda etapa, foi feita a **construção de inferências** que são “operações pelas quais se aceita uma proposição em virtude de sua relação com outras anteriormente acatadas como verdadeiras” e, na terceira, foi feita **síntese interpretativa**, considerada uma reinterpretação, por meio de uma construção criativa de possíveis significados⁽¹²⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização dos sujeitos

Os professores participantes desta pesquisa trabalhavam na rede estadual de ensino de Goiânia e ministravam várias disciplinas do ensino fundamental e médio, nos turnos matutino e noturno. Seis dos 11 participantes eram mulheres, possuíam de 19 a 61 anos com média de 35,4 anos. Três sujeitos possuíam ensino superior incompleto, quatro com superior completo e três pós-graduados. A maioria dos participantes (seis) era casada, nascida e moradora de Goiânia, com renda que variou de 500 a 5.000 reais, com média de 1.733 reais, sendo que um professor não informou sua renda. O tempo de trabalho na educação variou de cinco meses a 29 anos e oito meses, com média de 11,3 anos.

Após análise dos sentidos das falas dos participantes, identificamos as seguintes categorias temáticas que emergiram do material empírico: “O professor e a violência em seu

contexto de trabalho” e “A influência da família na violência do contexto escolar” que sustentam a discussão que se segue.

O professor e a violência em seu contexto de trabalho

O avanço tecnológico e a expansão de informações geraram uma crescente necessidade da sistematização do conhecimento. Esse movimento tornou indispensáveis profissionais, como o professor, uma vez que a escola é um dos importantes contextos de socialização do indivíduo, o que torna esse profissional um sujeito fundamental, para o desenvolvimento social e que, infelizmente, muitas vezes, adoece no desenvolvimento do seu papel⁽¹³⁾. Enfrenta questões intrínsecas à escola e a seu entorno que são desafios também para outros segmentos da sociedade, como é o caso da violência.

De acordo com os significados atribuídos pelos sujeitos, a violência no contexto escolar se expressa por meio de determinados comportamentos dos alunos e por questões próprias do sistema educacional, como a desvalorização salarial e profissional do professor e a precária estrutura física das escolas:

[...] Eu já fui agredido assim... na sala de aula, em outras escolas, me xingaram, mandaram eu tomar naquele lugar [...] (P9)

[...] Isso aqui prá mim não é escola não, não poderia funcionar como escola não, isso é uma agressão de tratamento [...] (P9)

Para os participantes, a indisciplina foi considerada, ora como sinônimo de comportamentos violentos, sejam eles de caráter físico ou verbal, ora como sinônimo de discordância do aluno às regras próprias da escola.

No presente estudo, os participantes consideram predominar, entre os estudantes, a violência física e verbal, e entre os estudantes para com os professores, a violência verbal.

Formar conceitos sobre violência, ou mesmo discuti-la, é importante e ao mesmo tempo difícil, também dentro da escola⁽¹⁴⁾. Notamos por parte dos participantes deste estudo dificuldade em perceber as diversas nuances da violência em contexto escolar. O aspecto físico foi o de maior impacto e mais abordado pelos sujeitos,

exemplificando a tendência de maior percepção que o aspecto físico da violência provoca.

Os professores muitas vezes têm dificuldade de identificar as situações de violência na escola e na sala de aula, relevando as ações violentas como formas de comportamentos normais esperados entre os alunos, além de não considerarem os pedidos de ajuda das vítimas, muitas vezes por não se sentirem aptos para tal ou por não considerarem a gravidade das consequências geradas pelos atos violentos⁽¹⁵⁾.

Para os professores participantes desta pesquisa, existe diferença entre a violência perpetuada entre os alunos e aquela que ocorre entre aluno e professor. Tal concepção está baseada em comportamentos demonstrados principalmente pelos alunos, sendo que os professores não consideram suas ações, muitas vezes disciplinadoras e repressivas, como práticas de violência, o que tem sido discutido por alguns autores⁽⁶⁾.

Notamos que quando ocorre menção de casos de violência verbal praticada por alunos contra professores, há certa concordância entre os sujeitos, bem como uma postura de normalidade daquele fenômeno. Quando a agressão ou violência é exteriorizada de forma física, provoca mais espanto e indignação nos sujeitos que presenciam ou vivem a situação.

Aonde a gente vai isso [violência verbal] está se tornando tão natural, tão normal, quer dizer “você é minha mãe? Se não é, então tanto faz” (P1)

Ele me lembrou de um caso aqui uma pessoa até o ano passado isso, quando eu comecei, um aluno tacou um giz bem no olho da professora. (P9)

Para lidar com a violência, os participantes buscam compreender o aluno e adotam uma postura no sentido de entender a origem do comportamento agressivo, mas, por outro lado, recorrem também à punição e têm atitudes mais rígidas, quando as primeiras alternativas não funcionam:

[...] então assim, a gente vai assim, interagindo, sabe, a gente tem que ser amigo deles, eu gosto muito também [...] (P3)

[...] se você não for ditador, se você não for ditatorial você não consegue dar aula. (P2)

Na relação professor-aluno, devemos considerar os diferentes contextos familiares e sociais que ambos trazem para a convivência

escolar⁽¹⁶⁾. Os conflitos entre as duas partes são passíveis de ocorrer. Além disso, há dificuldade de buscar soluções para fenômenos que não são bem diferenciados pelos sujeitos. Parece ser difícil para os participantes separar o que é violento do que não é. O que é falta de disciplina ou descontentamento do aluno ou, ainda, o que é responsabilidade do professor ou não.

Quanto à formação adquirida nos cursos de graduação, os participantes relataram que esta foi abordada em situações ideais e que, na escola, eles se deparam com o mundo real, onde é difícil aplicar teorias, tal como é possível observar nas falas dos participantes:

[...] e você fica engasgado com aquilo {com o fato da realidade ser diferente}, eu pelo menos, sou engasgado porque eu fiquei sete anos entre formar, especializar, aí quando você chega aqui você se decepciona [...]. (P6)

Na faculdade você vive esse mundo ideal, é um conceito, na escola, prática. (P10)

Nesse sentido, observamos a importância de proporcionar ao professor a realização do estágio supervisionado para um contato prévio com a realidade, uma vez que só assim ele poderá observar e vivenciar a realidade da qual fará parte e desde sua formação refletir possibilidades de aprimoramento e contribuição para mudança da realidade escolar⁽¹⁷⁾.

A influência da família na violência do contexto escolar

Neste estudo, os participantes demonstraram perceber a importância da família na formação e no comportamento que o aluno apresenta e que é nela que vários sentimentos, emoções e comportamentos são alicerçados, e onde, hoje, os pais enfrentam muitas dúvidas sobre a educação que devem proporcionar a seus filhos. Os significados atribuídos pelos sujeitos à violência no contexto escolar também mostram uma tendência à responsabilização da família pela formação das crianças e, conseqüentemente, pelos atos de indisciplina e violência apresentados na escola. Consideraram que os pais têm desenvolvido mal esse papel, proporcionando um ambiente familiar de violência e negligência e delegando a sua responsabilidade em relação a seus filhos à escola:

Tem muitas crianças aí que fica aí, órfão, sem pai, sem mãe, e tem muitas crianças que tem pai, tem mãe e são órfãs assim mesmo. Por isso que chega aí na escola crianças aí com tantas dificuldades, que vocês estão falando, tudo porque mesmo estando em casa, o pai, ele não sabe orientar os filhos, ele não tem um momento assim pra tá falando o que é certo o que é errado [...] (P5)

Os participantes demonstraram, primeiramente, perceberem uma associação entre o despreparo e insegurança dos pais em educar os filhos e a utilização da violência. Além disso, discutiram o reflexo do uso de violência como forma de educação no comportamento agressivo dos alunos na escola, como revelam as falas:

[...] a gente não sabe qual que é a realidade dessa criança lá na casa dela né, que ambiente que ela vive, ou de repente aqui tem um pai que talvez é violento, ou um tio, ou um irmão ou a mãe, no caso pode levar essa... prá esses pegas aí. (P8)

[...] Todo aluno... cada caso era um caso. Alunos que passavam fome, outros eram violentados pelos pais de várias maneiras [...] a questão do abandono [...]. (P3)

A violência doméstica é um fator comprovadamente causador de alterações nos comportamentos dos estudantes e geralmente é cometida pelos próprios pais⁽¹⁾. Além disso, alguns fatores são significativamente influentes na violência contra crianças, como, por exemplo, condições socioeconômicas desfavoráveis, violência urbana, uso de álcool e drogas⁽¹⁸⁾.

A falta de acompanhamento dos filhos decorre, segundo os participantes, da longa jornada de trabalho dos pais, exigida pelo sistema econômico, expressada muitas vezes pela palavra “capitalismo”. De acordo com os sujeitos, tal jornada gera a ausência dos pais e a falta de diálogo e perpetuação dos valores familiares, além de deixar os filhos expostos demasiadamente a jogos de videogame, à televisão e ao computador. Esses meios tecnológicos, por sua vez, são estimuladores de comportamentos violentos e substituem brincadeiras que há tempos eram comuns, de acordo com a fala dos participantes:

[...] os pais surgem numa sociedade consumista [...] eles {os pais} acham que tem que trabalhar, prá ganhar mais, prá dar mais, e nisso vem a

ausência [...] é um dos problemas que eu acho que reflete muito na violência [...] (P4)

[...] muitos desses filhos aí foram gerados assim muito, assim né, tem aquele seguimento, os pais trabalham o dia inteirinho, a mãe também tem que trabalhar, entendeu, não tem aquele controle [...] (P9)

[...] em vários casos a televisão é a formadora da personalidade daquela pessoa, porque ela cresce com a televisão. (P2)

[...] quase não tem por causa da tecnologia né? Hoje, brincadeira de roda, eu mesma que trabalho com criançinha pequenininha às vezes [...] eles não conhecem. (P5)

Para que os pais possam trabalhar os conflitos do dia a dia com os filhos de forma não violenta, são necessários tempo e, também, uma formação de não violência. Porém, o atual estilo de vida exige que os pais se ausentem durante períodos cada vez maiores do dia.

É indiscutível o papel do trabalho na vida de qualquer família, porém, o emprego tem desdobramentos com os quais a sociedade contemporânea tem de lidar; um deles é a falta de tempo para realização de outras atividades, dentre elas a convivência com a família.

E por outro lado, nos dias atuais, o trabalho assume uma forma que exige a flexibilização de atuação do trabalhador. Nessa exigência imposta pelo mercado econômico, pode ocorrer que tanto os pais de alunos quanto os próprios professores sintam-se inibidos para buscar outro emprego ou fonte de renda em que trabalhem menos. A influência das exigências do mercado econômico, do sistema educacional e político são aspectos que devem ter visibilidade e serem discutidos no contexto de trabalho do professor.

No contexto do sistema econômico exigente, a falta de tempo, mencionada pelos professores deste estudo como desencadeante do excessivo uso da televisão e computador, merece atenção por parte da sociedade. Os sistemas midiáticos têm colaborado para a perpetuação da violência, uma vez que as crianças e adolescentes passam grande parte do seu dia em contato com a televisão e conectados à internet. Nesse sentido, a demasiada exposição de crianças e adolescentes à violência expressa na mídia pode levar a algumas consequências para o comportamento nessa faixa etária, com estímulo a atitudes antissociais e agressivas,

dessensibilização do espectador à violência na vida real e aumento da sensação de medo⁽¹⁹⁾.

Devemos salientar a importância dos professores, participantes desta pesquisa, a reconhecerem a família como objeto a ser trabalhado, considerando a relevância da influência dos costumes sociais contemporâneos na educação que a família proporciona a seus filhos. Esse reconhecimento abre possibilidades de abertura desses sujeitos a alguma iniciativa proposta, já que reconhecem ser inadequado o modo como as famílias têm educado as crianças.

Essas considerações mostram que esses sujeitos se colocam na posição dos pais, pois também possuem filhos e enxergam a situação com a lente que construíram baseada em sua própria experiência. Isso é reflexo da rápida difusão, ocorrida nos últimos anos, de computadores, *tablets* e celulares para dentro das casas, gerando algumas mudanças de comportamento na família, principalmente dos filhos que passaram a ter um contato frequente com tais ferramentas. Essa inserção abrupta de grande quantidade de informações nos lares não permitiu que houvesse um preparo prévio para tal fenômeno, deixando os pais indecisos sobre como lidar com mecanismos tão atrativos.

Os dados sugerem que um importante desafio do professor é entender que seu papel de transmissor de conhecimento deve ser substituído pelo de mediador desse conhecimento e que ele deve demonstrar interesse e proximidade com a realidade do aluno, por meio da utilização da tecnologia que faz parte da vida do estudante⁽²⁰⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante os resultados, é possível perceber que o objetivo da pesquisa foi alcançado uma vez que, por meio do método utilizado, conseguimos compreender a concepção dos professores a respeito da violência.

Os significados de violência que emergiram das falas dos professores compuseram duas categorias temáticas: “O professor e a violência em seu contexto de trabalho e “A influência da família na violência do contexto escolar”. Pudemos apreender que os professores não sabem como lidar com as diversas formas de violência às quais estão submetidos no contexto escolar.

Foi possível identificar que as formas mais presentes entre os estudantes relacionam-se à violência física e verbal. Direcionada aos professores, a violência verbal é a mais cometida. Para lidarem com essa situação, os professores assumem posturas mais enérgicas, verbalizadas por meio de expressões como “ter pulso firme” e punir os estudantes; ao mesmo tempo, assumem posturas mais compreensivas como buscar ser amigo, conversar com os pais e procurar o diálogo, tal como anteriormente descrito, ao apresentarmos os dados referentes à violência no contexto de trabalho do professor.

A análise e interpretação dos dados sinalizam ainda que a família não tem assumido, conforme as afirmações e expectativas dos professores, o seu papel enquanto um locus de socialização e educação, fato que tem colaborado, segundo os próprios professores, de forma direta, para a sobrecarga do trabalho do professor. Mesmo sem apoio, esses professores mantêm, em suas falas, a necessidade de não desistir e sempre buscar somar forças para continuar o trabalho.

De posse dos resultados deste estudo, podemos perceber o quanto é necessária a busca por parcerias pelos setores de saúde e de educação, para que o trabalho dos professores e demais profissionais da escola seja preservado em sua essência. Destacamos o papel da universidade que possui ferramentas valiosas, tanto no sentido de formar professores conscientes de seu papel quanto de amparar, por meio de outros profissionais, as atividades educacionais da escola, constituindo, assim, ações para o cuidado integral.

Nesse sentido, também são fundamentais outros estudos sobre a violência no contexto escolar, abordando não apenas o professor, mas, também, estudantes e suas famílias, uma vez que este fenômeno deve ser compreendido em sua complexidade.

Os professores, sujeitos deste estudo, não mencionaram nenhuma forma de apoio, seja ele pedagógico ou emocional, de nenhuma instituição ou profissional da área de educação ou fora dela. Há necessidade, também, de que seja ampliada a possibilidade do trabalho integrado, interdisciplinar e intersetorial de escolas e UBS, para que atividades de promoção e prevenção da violência sejam planejadas e

implementadas de forma efetiva junto à escola e comunidade.

É necessário que as iniciativas de trabalho interdisciplinar de saúde e educação sejam efetivas e despertem o protagonismo e cidadania

na comunidade escolar, para que as mudanças nos hábitos de saúde, na convivência interpessoal e na consciência político-social sejam de fato incorporadas pelos estudantes e possibilitem mudança de realidade.

VIOLENCE AND THE SCHOOL CONTEXT: MEANINGS FOR PUBLIC EDUCATION TEACHERS

ABSTRACT

Descriptive, exploratory qualitative study, performed at a public school in Goiânia -GO. The objective was to understand the meanings of the phenomenon of violence from the perspective of teachers. Data were collected through participant observation and focus groups, and analyzed by the method of interpretation of meanings, which emerged from the categories "Professor and violence in their work context", which deals with the understanding and strategies used to violence in work context and "The influence of family violence in the school context" which discusses how teachers understand the family's influence on pupil behavior. Thus, the research allows us to understand the importance of intersectional work between the areas of Health and Education, with the support of institutions of higher education to protect the role of teachers in its essence and in addition, we realized the need for further studies on the influence relationships with their students' families.

Keywords: Violence. School health. Faculty.

VIOLENCIA EN EL CONTEXTO ESCOLAR: SIGNIFICADOS PARA PROFESORES DE LA ENSEÑANZA PÚBLICA

RESUMEN

Estudio descriptivo-exploratorio de abordaje cualitativo, desarrollado en escuela pública de Goiânia-GO-Brasil. El objetivo fue comprender los significados del fenómeno de la violencia, en la perspectiva de profesores de una institución de enseñanza pública. Los datos fueron recolectados en grupos focales y observación participante, y analizados por el método de interpretación de sentidos. Surgieron las categorías "El profesor y la violencia en su contexto de trabajo" que dice respecto al entendimiento y a las estrategias utilizadas frente a la violencia en el contexto de trabajo y "La influencia de la familia en la violencia en el contexto escolar", presentando cómo los profesores comprenden la influencia de la familia en el comportamiento de los alumnos. La investigación permitió comprender la importancia del trabajo intersectorial entre las áreas de la salud y educación, con el apoyo de instituciones de enseñanza superior, para resguardar la función de los profesores en su esencia. Percibimos, también, la necesidad de más estudios sobre la influencia de las relaciones de los estudiantes con sus familias.

Palabras clave: Violencia. Salud escolar. Docentes.

REFERENCIAS

- Gontijo DT, Alves HC, Paiva MHP, Guerra RMR, Kappel VB. Violência e saúde: uma análise da produção científica publicada em periódicos nacionais entre 2003 e 2007. *Physis*. 2010;20(3):1017-54.
- Krug EG, Dahlberg LL, Mercy JA, Zwi AB, Lozano R (editores). Relatório mundial sobre violência e saúde. Genebra: OMS; 2002.
- Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. *Boletim Epidemiol*. 2013;44(9) [citado 2014 abr 13]. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/periodicos/boletim_epidemiologico_numero_9_2013.pdf
- Zanelatto PF, Medeiros M, Santos WS, Munari, DB. Violência contra crianças e adolescentes: significados e atitudes por equipes da estratégia saúde da família. *Cienc Enferm*. 2012;18(2):41-9.
- Ramos MLCO, Silva AL. Estudo sobre a violência doméstica contra a criança em unidades básicas de saúde do Município de São Paulo – Brasil. *Saúde Soc*. 2011;20(1): 136-46.
- Machado TB, Bottoli C. Como os professores percebem a violência intrafamiliar. *Bararó*. 2011;(34):38-59.
- Rocha KMM, Farias GM, Gurgel AKC, Costa IKF, Freitas MCS, Souza AAM. Violência na escola vivida por professores, funcionários e diretores. *Rev Rene*. 2012;13(5):1034-44.
- Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Saúde na Escola. Série B. Textos Básicos de Saúde. *Cadernos de Atenção*, nº24 [Internet]. Brasília (DF); 2009 [citado 2010 mar 12]. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/ab_cad24.pdf
- Minayo MCS. O desafio da pesquisa social. In: Minayo MCS, Deslandes SF, Gomes R, editors. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 29ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes; 2010.
- Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 13ª ed. São Paulo: Hucitec; 2013.
- Cruz Neto O, Moreira MR, Sucena LFM. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. In: *Proceedings of the XII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais* [Internet]; 2002 nov 4-8 [citado 2016 ago

30]; Ouro Preto, Brasil. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf.

12. Gomes R, Souza ER, Minayo MCS, Malaquias, JV, Silva, CFR. Organização, processamento, análise e interpretação de dados: o desafio da triangulação. In: Minayo MCS, Assis SG, Souza ER, editores. Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2005. p.185-222.

13. Macaia AAS, Fischer FM. Retorno ao trabalho de professores após afastamentos por transtornos mentais. Saude Soc. [Internet]. 2015 set [citado 2016 ago 21];24(3):841-52. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902015000300841&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902015130569>.

14. Stelko-Pereira AC, Santini PM, Williams LCA. Punição corporal aplicada por funcionários de duas escolas públicas brasileiras: prevalência em duas escolas públicas. Psicol Estud. 2011; 16(4):581-91.

15. Vieira IS, Torales APB, Vargas MM, Oliveira CCC. Atitudes de alunos expectadores de práticas de bullying na escola. Cienc Cuid Saude. 2016;15(1):163-70.

16. Carlos DM, Ferriani MGC, Silva MAI, Leite JT. Vivências no espaço escolar de adolescentes vítimas de violência doméstica em acolhimento institucional. Cienc Cuid Saude. 2011;10(2):298-305.

17. Araújo CN, Nascimento MCM. Formação inicial e estágio na pedagogia: vivência e reflexões. Rev Eletrôn Pro-Docência/UEL. 2013;4(1):35-45.

18. Apostólico MR, Nóbrega CR, Guedes RN, Fonseca RMGS, Egry EY. Características da violência contra a criança em uma capital brasileira. Rev Latino-Am Enfermagem. 2012;20(2):[08 telas].

19. Carvalho DW, Freire MT, Vilar G. Mídia e violência: um olhar sobre o Brasil. Rev Panam Salud Publica. 2012;31(5):435-8.

20. Oliveira AS, Pimentel FSC, Mercado LPL, Campos T. Mundos virtuais e educação: desafios e possibilidades. Rev Eletrônica Educação.2013;7(2):227-40.

Endereço para correspondência: Sheila Mara Pedrosa. Rua PB 09, Q.25, Lt.34, Bairro Parque Brasília, CEP. 75093-710. Anápolis, GO. E-mail: sheilaenf@gmail.com m

Data de recebimento: 26/11/2015

Data de aprovação: 08/09/2016